

COLETIVA: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO EM JORNALISMO

Carlos Alberto ZANOTTI
Faculdade de Jornalismo/ PUC-Campinas

RESUMO

Este artigo apresenta um balanço do projeto de extensão universitária “Coletiva”, um programa de entrevistas em televisão implantado no Canal Universitário de Campinas (CNC) em 2003. Debate-se aqui a pertinência de atividades dessa natureza enquanto mecanismos de extensão acadêmica para os cursos de jornalismo, tema objeto de controvérsias no 8º Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, realizado em abril de 2005 em Maceió. A experiência reuniu alunos da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas em torno do planejamento, produção e edição de entrevistas com personagens das diversas áreas de atuação comunitária na região de Campinas.

Palavras-chave: Extensão em jornalismo; Entrevista; Programa de entrevista.

ABSTRACT

This article presents an analysis of the project of university extension “Coletiva”, a programme of interviews on television implemented on the Canal Universitário de Campinas (CNC), in 2003. The pertinence of such activities as mechanisms of

academic extension for the courses of journalism is here discussed, the subject being the focus of controversies during the 8th Forum Nacional de Professores de Jornalismo, in Maceió, in April 2005. The experience gathered students from Faculdade de Jornalismo, from PUC-Campinas, about the planning, production and edition of the interviews with representatives of the several areas of community acting in Campinas area.

Key words: *Extension in journalism; Interview; Interview Programme.*

APRESENTAÇÃO

Das atividades desenvolvidas nos cursos de Jornalismo, quais seriam aquelas que realmente podem ser caracterizadas como atividades de extensão? Até que ponto uma prática laboratorial se enquadraria nessa perspectiva? Respostas a essas duas perguntas, apresentadas por docentes que participaram do 8º Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, dominaram os debates no grupo de trabalho voltado a discutir e a partilhar experiências de extensão, atividade que, junto com o ensino e a pesquisa, é fundamental para constituir o tripé no qual se sustenta o conceito de universidade. A inexistência de consenso em torno do tema levou os participantes a decidir por um levantamento nacional das atividades extensionais em Jornalismo e a iniciar gestões que levem a uma melhor conceituação da atividade na área.

Uma hipótese de resposta às questões formuladas inspirou a origem do projeto levado a efeito na Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) durante os anos 2003 e 2004. Por meio dele, a prática discente, sob supervisão docente, resultou na produção de 53 programas de entrevista em estúdio de televisão, para os quais foram convidados os mais expressivos agentes e líderes comunitários da cidade e micro-região de Campinas. Por se tratar de uma prática jornalística do gênero entrevista, deu-se ao programa o nome de “Coletiva”, em que o espírito da extensão estava precisamente em fomentar o debate de temas de interesse da comunidade pelo uso de técnicas que caracterizam o trabalho do profissional de imprensa. •

A rigor, as atividades de extensão costumam se caracterizar por uma intervenção que a academia implementa no âmbito comunitário, para onde procura

carrear novos conhecimentos e fomentar intercâmbios, incorrendo-se em toda sorte de confusões conceituais levantadas pelo educador Paulo Freire (1977) já em meados do século passado. Na PUC-Campinas, os projetos de extensão são definidos como “processos de intervenção de natureza diversa de interesse da sociedade e da universidade, com metodologia e duração definidas” (EXTENSÃO, 2005). Ainda conforme propõe a instituição, as diretrizes para essas iniciativas docentes devem se caracterizar por: a) estímulo permanente à aproximação Universidade-Sociedade propiciando a leitura crítica da realidade, estimulando a troca e a reelaboração do conhecimento, e favorecendo a visão integral da pessoa humana e da sociedade numa perspectiva cristã e transformadora; b) desenvolvimento de projetos priorizando os de natureza interdisciplinar, intersetorial e interinstitucional que favoreçam o equacionamento de demandas sociais emergentes; c) estímulo ao desenvolvimento de projetos de extensão que contemplem a efetiva participação de alunos, favorecendo a formação do profissional enquanto cidadão; d) articulação permanente com instituições públicas, privadas e movimentos sociais com vistas ao desenvolvimento de parcerias; e) articulação com programas ou projetos de maior abrangência, de iniciativa de outras organizações do setor educacional; f) estímulo à implementação de projetos, cursos e atividades de iniciativa da Universidade, que venham a contribuir com o desenvolvimento da região de Campinas; g) apoio permanente ao desenvolvimento de projetos em áreas onde existam linhas de estudo e pesquisa já consolidadas ou onde se detecte potencial para a definição dessas linhas.

Em levantamento recente, a universidade catalogou, em cinco diferentes grupos de atuação, os projetos de extensão que patrocina. São eles: 1) desenvolvimento social; 2) desenvolvimento tecnológico; 3) desenvolvimento artístico-cultural; 4) desenvolvimento administrativo; 5) desenvolvimento urbano-rural-meio ambiente. O projeto de extensão “Coletiva” encontra-se catalogado entre os que se voltam ao desenvolvimento social, conforme classificação disponibilizada no portal que a universidade mantém na internet.

Ao longo de seus dois anos de existência, o projeto “Coletiva” visou a levar alunos a participarem, de forma voluntária, da produção de um programa semanal de entrevistas que integrou a grade de programação da PUC-Campinas no Canal Universitário (CNC), cujo sinal é distribuído por cabo pela empresa Net-Campinas. Ao todo, foram gravados 53 programas, tendo o projeto contado com a participação de 28 alunos, matriculados nos segundos e terceiros anos do curso de Jornalismo, dos períodos matutino e noturno.

O projeto se propôs a, entre outros objetivos, estimular alunos e comunidade local a engajarem-se no debate de temas relativos ao seu cotidiano, no espírito que

norteia as práticas jornalísticas e as diretrizes fixadas para a extensão universitária na PUC-Campinas, oferecendo-se à Universidade programas jornalísticos para suas inserções no espaço a ela reservado naquele empreendimento do qual fazem parte as outras duas universidades locais.

Foram vários os fatores que favoreceram a implementação da iniciativa, entre os quais destaca-se o papel histórico, que julgamos caber à PUC-Campinas, de levar a comunidade local e regional a melhor conhecer-se, a debater e a encontrar soluções para seus problemas. Nesse sentido, as faculdades de Jornalismo, onde quer que existam, podem apresentar-se como espaços privilegiados de ação, visto ser a atividade jornalística, por excelência, uma prática fomentadora de ações dessa natureza.

Na PUC-Campinas, o curso de Jornalismo já contava, na época da implantação do projeto, com recursos humanos e materiais necessários à atividade proposta, os quais se encontravam subutilizados no período vespertino, quando não há aulas no Centro de Linguagem e Comunicação (CLC), ao qual a Faculdade de Jornalismo está vinculada. Faltava apenas um canal de organização institucionalizada, que o projeto visou a criar, e a adesão de voluntários. A atividade proposta buscou inserir-se principalmente no terceiro grande eixo organizador do projeto pedagógico da Faculdade de Jornalismo, relativo à profissionalização do acadêmico, sendo o primeiro voltado à formação humanística e o segundo, à pesquisa na graduação (JORNALISMO 2001, p.15-21). De natureza extra-curricular, o Coletiva buscou a participação voluntária do aluno, em horário extra-aula, no período vespertino, em que a recompensa do acadêmico foi a satisfação de poder participar de um trabalho de cunho semi-profissional, em que o discente teve a oportunidade de aplicar conhecimentos adquiridos nas disciplinas que cursa e aprimorar-se técnica e intelectualmente para o mercado de trabalho no qual se insere quando formado.

Também nesse sentido, o projeto Coletiva procurou articular-se ao ensino de jornalismo na medida em que levou o acadêmico a debater e produzir pautas de interesse jornalístico; elaborar pesquisas sobre temas variados da atualidade; fazer entrevistas em estúdio de televisão; editar e finalizar programas jornalísticos televisivos; dominar práticas de produção em vídeo, atividades essenciais à formação de jornalistas. Ao tratar temas comunitários, locais e regionais, o projeto ainda buscou capacitar o estudante a melhor inserir-se nos nichos de mercado que vêm se abrindo com a proliferação de pequenas emissoras e empresas de produção jornalística para rádio e TV em cidades de menor porte, onde há carência de recursos humanos e materiais para tais atividades.

Paralelamente, o projeto buscou ainda motivar o aluno a propor e experimentar linguagens e formatos para a produção jornalística em televisão, entre os quais o abandono da agenda proposta pela mídia convencional; a criação de padrões estéticos para produções televisivas; a prospecção de temas e preocupações de interesse comunitário; a otimização do trabalho a partir de limitações infraestruturais; a exploração de temáticas e formatos não usuais em práticas jornalísticas televisivas. Resultados dessas práticas, além de promoverem a inserção institucional da Faculdade de Jornalismo na grade da TV-PUC, também passaram a compor um acervo disponibilizado para os próprios entrevistados e para apresentação em aulas, seminários, encontros, congressos e fóruns dos campos de jornalismo, telejornalismo e emissoras universitárias.

O projeto ainda buscou articular-se junto a representantes de movimentos sociais organizados na medida em que propôs uma abertura de espaço para a discussão de temas, problemas e aspectos da vida em sociedade usualmente não abordados pela chamada grande mídia, que possui uma pauta limitada por características de rede, compromissos comerciais, índices de audiência e orientação política imposta por seus proprietários. A natureza do “Coletiva”, ao contrário, foi a de abordar temas de interesse o mais diversificado possível, em profundidade, na forma de entrevista em estúdio, com cidadãos que tivessem propostas e experiência acumulada para temas nas áreas de saúde, educação, emprego, meio ambiente, habitação, democratização dos meios de comunicação, ciência e comportamento, entre outros.

O projeto ainda procurou permitir ao estudante uma pré-inserção, sob supervisão docente, no mercado de trabalho, na medida em que o motivou a relacionar-se quase que diariamente com a prática jornalística – a pensar e agir jornalisticamente. O acadêmico se obrigou a propor pautas de interesse geral, estudar temas atuais em profundidade ao se preparar para as entrevistas, apurar a contribuição que o entrevistado pudesse trazer à temática em debate, encontrar ângulos de interesse jornalístico, sistematizar e organizar processos de produção jornalística, editar informações de interesse público, em conformidade com as Diretrizes Curriculares fixadas pelo Ministério da Educação para os cursos de Comunicação na habilitação Jornalismo.

1. RESULTADOS

Ao longo dos 10 meses de efetiva atividade, já que em períodos de férias escolares o trabalho ficou suspenso, o projeto Coletiva propiciou a produção de 53

entrevistas, num total de pelo menos 30 horas de material editado. A dinâmica adotada para o trabalho levou à formação de duas equipes de produção, uma para o período matutino e outra para os alunos do noturno. Ao longo dos meses de atividade, as equipes se reuniam pelo menos quatro vezes por semana com o orientador do projeto, debatendo nomes, temas e pautas a serem abordados nas gravações de estúdio. Cada tema proposto contava com um aluno na condição de produtor, que se encarregava de agendar a gravação, passar *briefing* aos colegas de trabalho e desempenhar o papel de mediador da entrevista por ele pesquisada e produzida. Ainda competia a ele acompanhar as gravações de pelo menos duas perguntas junto a especialistas no tema em debate, que professores ou outros alunos faziam aos entrevistados por um monitor, durante a entrevista no estúdio. Outros quatro alunos, ao lado do mediador, compunham a bancada de entrevistadores. A um sexto membro da equipe cabia o acompanhamento das gravações em estúdio, desempenhando em seguida as vezes de finalizador do programa, ao inserir caracteres, efetuar cortes de falhas e ajustar tempo do programa à grade da emissora.

No período de duração do projeto, 28 alunos atuaram de forma mais constante na atividade, podendo o voluntário, sempre que quisesse, afastar-se a qualquer tempo para se dedicar a outros afazeres. O mais comum dos afastamentos foi relativo aos alunos que, ao conseguir estágio na área ou emprego na profissão, se viam impossibilitados de continuar atuando no projeto. Ao final dos dois períodos de desenvolvimento da atividade, todos receberam certificados de participação outorgados pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão do CLC, ficando apenas um aluno, devido à sua pequena participação, excluído desse benefício.

Um balanço das atividades desenvolvidas apontou que, entre os entrevistados levados ao programa, havia 16 militantes de organizações não governamentais; 5 jornalistas; 6 pesquisadores; 9 autoridades públicas; 6 educadores; 3 dirigentes sindicais; 4 líderes comunitários; 2 artistas plásticos; um psicólogo comportamental; uma historiadora. Os temas que dominaram as pautas das entrevistas oscilaram entre áreas tão distintas quanto preservação ambiental; pastoral de homossexuais e prostitutas; orçamento participativo; desenvolvimento das pesquisas com células-tronco; democratização da comunicação; sexualidade juvenil; exclusão urbana; vida e obra de Carlos Gomes; eleições 2004.

2. AVALIAÇÃO: DISCENTES

Ao término dos meses de atividade em que a segunda fase do projeto Coletiva se desenvolveu, os 13 alunos participantes dessa etapa responderam a

um questionário contendo 12 perguntas que visavam, sobretudo, a apurar as sete seguintes categorias para análise das respostas: a) as razões do envolvimento no projeto; b) a contribuição que o projeto trouxe à sua formação acadêmica; c) o crescimento pessoal obtido com a adesão ao projeto; d) a contribuição da atividade à vida profissional dos participantes; e) a maior dificuldade encontrada, em termos de tarefa jornalística, ao longo das atividades; f) a entrevista que mais lhe agradou realizar; g) uma avaliação pessoal para o resultado obtido com o trabalho.

Pela primeira categoria de análise, as respostas ao questionário foram unânimes em apontar que o maior motivador para a participação do aluno foi ganhar experiência em produção televisiva. Neste contexto, ressalve-se uma das respostas: “Me interessei muito pelo projeto por ser uma oportunidade única de praticar o aprendizado teórico na própria Universidade e obter, assim, experiência” (SANTOS, 2005). A aluna em questão refere-se, evidentemente, às dificuldades, legais e operacionais, que o estudante de jornalismo enfrenta ao tentar obter estágio profissional na área. Outra das participantes acrescentou: “o projeto é um acréscimo ao aprendizado” (DUARTE, 2005). Ainda nessa primeira categoria de análise, registre-se também o depoimento da acadêmica Flávia ZAMPERLINI (2005):

Inicialmente, o motivo que mais me incentivou a participar do Coletiva foi, sem dúvida nenhuma, o aprendizado que eu iria adquirir; e pelo fato de ser um programa televisivo (isso foi um atrativo a mais, pois gosto da linguagem e do ritmo de se trabalhar com esse veículo). Depois de algum tempo, percebi que, estar quase diariamente em reuniões de pautas, fazer roteiros, debater uma série de assuntos, produzir e finalizar um programa é a oportunidade que temos de fazer uma 'segunda faculdade'.

Em seu depoimento, a aluna refere-se basicamente a um dos objetivos que norteou a proposta – o de reproduzir, dentro das possibilidades ao nosso alcance, o *modus operandi* de uma produção de natureza profissional. Em média, os dois grupos participantes, matutino e noturno, reuniam-se quatro vezes ao longo da semana. Nas reuniões, não só eram debatidas as pautas e programas já definidos para gravação, bem como aventadas novas possibilidades e seus ângulos de exploração jornalística. Em outro trecho, essa mesma acadêmica afirma:

Como tínhamos reuniões de pautas todas às segundas, terças e quartas, e essas reuniões eram logo após a aula, normalmente íamos direto à redação-modelo. Às quintas, à tarde, gravávamos o programa que iria ser exibido na próxima segunda. Além de nos reunir nos dias citados, também tínhamos de produzir a

pré-entrevista com o convidado nos dias estipulados pelos mesmos e o roteiro da gravação, que era posteriormente debatido em reuniões e, se necessário, modificado (ZAMPERLINI, 2005).

Esse ritmo de produção levou outra estudante a observar que o fato de participar das reuniões semanais, prospectar entrevistados com atuação comunitária, planejar roteiros de entrevista e desempenhar as vezes de entrevistador teria mudado, positivamente, sua rotina de ociosidade (DELLAI, 2005).

A segunda categoria de análise obteve também um reconhecimento de validade por parte dos envolvidos. Ao comentar o amadurecimento que experimentou no campo acadêmico, um dos participantes lembrou que, nas aulas, ouvia insistentes recomendações de seus professores no sentido de que conferisse informações que detivesse para fazer uma entrevista, sendo claro e objetivo na abordagem do entrevistado. Foi a oportunidade – atestou o estudante – de colocar tais ensinamentos em prática ainda no ambiente acadêmico (FERREIRA, 2005). Por essa categoria de análise, percebe-se que o aluno associou a possibilidade de amadurecer enquanto profissional da área com o que se chamou de crescimento no campo acadêmico. Referindo-se ao fato, um deles (Castro, 2005) comentou em suas respostas:

As discussões, na redação modelo, para a preparação dos programas foram extremamente válidas. Acredito que no jornalismo é importante falar, dar idéias e sugestões, mas também ouvir o que o outro tem a dizer, já que fazíamos um programa em equipe e no mercado de trabalho será dessa forma.

Pela terceira categoria de análise, foi possível perceber que o estudante associou o fato de debater e preparar as pautas e as entrevistas agendadas, de forma organizada e disciplinada, em regime semi-profissional, com seu crescimento pessoal. Um deles, por exemplo, atestou ter aprendido a ser mais humilde e a não achar que, se as coisas não ficassem de seu jeito, o resultado não seria um bom trabalho (CASTRO, 2005). Outro estudante disse acreditar que ajudá-lo em sua formação pessoal foi a maior contribuição que o projeto lhe trouxe, já que teria amadurecido enquanto pessoa e jornalista, adquirindo a segurança e a confiança de que atualmente desfruta (ZAMPERLINI, 2005). E um terceiro (Dellai, 2005) ainda ponderou: “Adquiri mais conhecimento sobre alguns assuntos. Conheci pessoas que, em outras ocasiões, talvez não fosse possível, e ganhei maior desenvoltura para lidar com desconhecidos.”

Por essa categoria de análise, os alunos foram unânimes em, aparentemente, registrar terem ganhado desenvoltura, responsabilidade, conhecimento e traquejos

próprios da atividade jornalística. “Aprendi a abordar pessoas que não conheço; a insistir, persistir e até mesmo a ser cara de pau para conseguir entrevistar alguém”, testemunhou Natashy DUARTE (2005). Outra integrante acrescentou: “Me tornei mais desinibida e com mais facilidade de lidar com pessoas e, dessa forma, ter uma melhor entrevista” (FERNANDEZ, 2005). O entrosamento do grupo de trabalho em si foi também abordado nesse campo de avaliações. Mariana TEODORO, por exemplo, afirmou ter se aproximado de colegas com os quais até então sequer havia conversado na faculdade. Ela salientou que aprendeu a trabalhar em equipe e que os programas lhe permitiram entrar em contato com pessoas (entrevistados) que se destacavam em suas comunidades. Com isso, teria podido amadurecer idéias sobre os variados assuntos tratados no programa (2005).

A quarta categoria de análise das respostas referiu-se às contribuições trazidas à sua formação profissional. As respostas indicam que, ao trabalhar academicamente em situação de produção real, os alunos tiveram que melhor centrar suas atenções à comunidade em que estão inseridos. É o caso, por exemplo, da ponderação apresentada pela acadêmica Mariana TEODORO: “Por dar mais atenção a assuntos locais e regionais, passei a ver o jornalismo de uma maneira mais próxima, e também a pensar em pautas acessíveis e interessantes” (2005). Outra das participantes, Marília ROCHA (2005), apontou que:

No campo profissional, além de trazer mais segurança na lida com todo o ambiente de trabalho de um telejornalista, o projeto trouxe uma responsabilidade maior do que os trabalhos acadêmicos, e um dead line muito mais real, o que nos aproxima do trabalho do jornalista, que tem um tempo muito curto para fazer o que lhe é proposto. Além disso, a necessidade de usar o tempo disponível durante a gravação do programa, levando algumas vezes a improvisações, também trouxe grandes acréscimos profissionais.

Natashy DUARTE registrou também ter aprendido que, em produções jornalísticas para a televisão, ninguém trabalha sozinho, sendo a atuação em equipe fundamental para o bom desenvolvimento da atividade. Segundo lembrou, as melhores edições foram exatamente aquelas feitas nos períodos de maior aproximação entre os integrantes do grupo, sendo o inverso verdadeiro (2005). É possível ainda, a partir da resposta de Anselmo CAPARICA, inferir que atividades como as proporcionadas por programas dessa natureza ajudem o estudante a melhor compreender seu papel social. Em seu testemunho, ele afirmou ter compreendido melhor o sentido da profissão que escolheu exercer depois de formado (2005). Castro acrescentou que o projeto “Coletiva” foi, a rigor, seu primeiro estágio (2005).

A acadêmica Fernanda NOGUEIRA, uma das monitoras do grupo, lembrou que o projeto lhe trouxe benefícios profissionais a partir do momento em que pôde trabalhar a timidez que sempre a acompanhou em sala de aula, tendo aprendido a lidar com entrevistados, com a câmera e a produzir um programa de entrevistas, além de ter assimilado informações importantes oriundas dos próprios conteúdos das entrevistas (2005).

Na pergunta que procurou apurar a maior dificuldade encontrada pelos estudantes na condução dos trabalhos, as respostas apontaram para todos os campos da prática jornalística com ênfase na televisão. “No início, estar em frente às câmeras me deixava constrangido”, atestou um deles (Carvalho, 2005)), para quem a prática consecutiva levou a um processo constante de desinibição e ampliou sua capacidade de improvisar a partir de poucas anotações no roteiro de entrevistas. “[Minha maior dificuldade] foi apresentar o programa, quando eu era mediadora, devido à timidez e falta de costume”, disse outra estudante (DELLAI, 2005).

Já para um outro grupo de alunos, as dificuldades maiores se deram no processo de produção da pauta, quando eram definidos os nomes dos entrevistados das edições seguintes. No entanto, outras respostas oferecidas apontaram em direções diferentes, como a da acadêmica Fernanda NOGUEIRA: “[A maior dificuldade] foi encontrar pessoas na comunidade que fizessem um trabalho interessante, justamente pela proposta do programa ser com pessoas da comunidade que não estão em destaque [na mídia]” (2005). Soma-se a esse depoimento a observação de Botan (2005) “Foi marcar entrevistas com as fontes”, disse ele referindo-se às, muitas vezes, indisponibilidades ou indisposições dos entrevistados. “Acho que a dificuldade maior foi na parte de contatar as fontes. O horário de gravação não batia com o horário disponível dos entrevistados e, por isso, muitas gravações tiveram que ser adiadas, ou então não foram realizadas”. Não deixa de ser importante o depoimento de Flávia ZAMPERLINI (2005), que exemplifica um sentimento presente em todos os questionários, que reproduzimos abaixo neste item de avaliação:

Ao iniciarmos o projeto, uns dos meus maiores medos era lidar com a câmera. Conversávamos sobre o tema, debatíamos com os convidados, mas quando a câmera ligava ... tudo parecia novo, inédito. Essa dificuldade, hoje, já quase não existe. Outra dificuldade, mas não tão presente quanto a outra, era a sugestão de pautas. Talvez seja pelo fato de eu não morar até então em Campinas.

Uma sexta categoria de análise da participação discente na condução do Coletiva procurou apurar, na avaliação deles, quais os benefícios obtidos pela

comunidade e pela universidade a partir do projeto. “Desde o início (escolha dos convidados), já pensávamos na sociedade e, no decorrer do programa, discutíamos problemas sociais e de interesse público, pois tanto os universitários quanto o resto do público estão inseridos nessa comunidade”, atestou uma das alunas (ZEMPERLINI, 2005). “O projeto levou informação sobre todos os assuntos, desde ONGs com projetos sociais com crianças, adolescentes, soro positivos, histórias de vítimas da ditadura militar, reforma tributária, transplante de célula tronco de cordão umbilical até estudos sobre o comportamento da população carcerária de Campinas”, afirmou NOGUEIRA (2005). Essa linha de raciocínio, que aponta a possibilidade de extensão a partir da ação própria do jornalismo em suas práticas tradicionais, está presente ainda em depoimentos como o de Igor CARVALHO (2005):

Quando o curso oferece oportunidades de aprendizado extracurricular e de experiência profissional, significa que a faculdade está interessada em oferecer a seus alunos algo a mais, ampliando as oportunidades de aprendizado e suprimindo algumas limitações, como a grade curricular ou a falta de infraestrutura. Com isso, mostra preocupação em formar profissionais mais capacitados e cidadãos mais conscientes.

Para outro estudante, as atividades dessa natureza contribuem para a formação integral do profissional. Segundo Duarte, são projetos como esse que fazem a faculdade projetar-se junto à comunidade e despertar o interesse dos alunos e da sociedade para temas de importância para a vida comunitária (2005). Mariana TEODORO foi ainda mais incisiva na resposta, ao afirmar ser uma ilusão acreditar que jornalismo se aprende só com a graduação. Para fazer jornalismo – atestou no questionário – é preciso praticar, sendo o “Coletiva” a primeira oportunidade que lhe apareceu nesse sentido (2005).

A última categoria de análise das respostas oferecidas pelos alunos procurou apurar qual entrevista, das quais o aluno participou, mais teria lhe agradado, e quais as razões dessa satisfação. O resultado da tabulação apontou o esperado: não houve convergência de preferências, uma vez que a entrevista que mais agradou ao estudante está exatamente entre aquelas nas quais ele figurou como produtor/mediador. Aparentemente, o fato de o estudante ter feito o contato com a fonte, elaborado a pré-entrevista, produzido um *briefing* para seus colegas de bancada, ter se familiarizado com o tema e conduzido o programa tornou-o absolutamente seduzido pelo exercício da profissão que resolveu abraçar quando optou pelo curso de jornalismo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de seu desenvolvimento, a experiência demonstrou que é possível pensar um formato de extensão acadêmica em jornalismo que seja uma alternativa aos projetos de propor cursos de leitura crítica à comunidade ou de repassar técnicas que permitam a segmentos sociais produzir, com autonomia relativa, os seus próprios meios de informação, o que não retira méritos dessas iniciativas. No “Coletiva”, ao invés de irmos à comunidade, procuramos trazer a comunidade, por meio de suas lideranças, para o interior do campus universitário, o que acrescenta aos dois lados desse processo. E com ela debatemos no espaço físico do meio acadêmico temas de interesses e aportes tão diversificados quanto a organização dos moradores de sub-habitações urbanas, a política carcerária brasileira, as cooperativas de catadores de materiais recicláveis, as experiências dos “pais adotivos”, as dinâmicas e resultados do orçamento participativo, a segregação urbana induzida pela proliferação dos condomínios fechados.

Sob o ponto de vista do estudante de jornalismo, conforme demonstraram as respostas aos questionários respondidos pelos participantes, foi extremamente útil e desafiador entrar em contato com um leque tão diversificado de temas. A rigor, o repórter, no dia-a-dia de sua profissão, é obrigado a transitar nas diversas áreas que compõem a pauta jornalística, sendo o conhecimento prévio de tais temas indispensável ao exercício profissional de boa qualidade. O maior beneficiado, no extremo oposto desse processo de aquisição de conhecimento, é a própria sociedade na sua condição de público dos meios de comunicação, o pressuposto que sustenta nossa hipótese inicial de trabalho.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Coleção O Mundo Hoje; Vol. 24. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PUC-Campinas. *Extensão, 2005*. Disponível em www.puc-campinas.edu.br/extensao/index.asp. Acesso em 12 set. 2005.

PUC-Campinas. *Jornalismo, 2001: Síntese do Projeto Acadêmico*. Curso de Jornalismo. Centro de Linguagem e Comunicação. Campinas: mimeo 2001.

DEPOIMENTOS:

BOTAN, Anderson Rogério. Resposta a questionário encaminhado a Carlos Alberto Zanotti. Campinas. 13 fev. 2005.

CAPARICA, Anselmo. Resposta a questionário encaminhado a Carlos Alberto Zanotti. Campinas. 08 fev. 2005.

CARVALHO, Igor Felipe de Lima. Resposta a questionário encaminhado a Carlos Alberto Zanotti. Campinas. 07 fev. 2005.

CASTRO, Laís Rissatto de. Resposta a questionário encaminhado a Carlos Alberto Zanotti. Campinas. 08 fev. 2005.

DELLAI, Fernanda Colombini. Resposta a questionário encaminhado a Carlos Alberto Zanotti. Campinas. 11 fev. 2005.

DUARTE, Natashy Cristina. Resposta a questionário encaminhado a Carlos Alberto Zanotti. Campinas. 10 fev. 2005.

FERNANDEZ, Thaís Moreira. Resposta a questionário encaminhado a Carlos Alberto Zanotti. Campinas. 15 fev. 2005.

FERREIRA, Vanessa Guido Sales. Resposta a questionário, encaminhado em 15/ fev./2005.

LISBOA, Carina Corvini. Resposta a questionário encaminhado a Carlos Alberto Zanotti. Campinas. 14 fev. 2005.

NOGUEIRA, Fernanda S. Resposta a questionário encaminhado a Carlos Alberto Zanotti. Campinas. 11 fev. 2005

ROCHA, Marília. Resposta a questionário encaminhado a Carlos Alberto Zanotti. Campinas. 10 fev. 2005.

SANTOS, Maísa Urbano. Resposta a questionário encaminhado a Carlos Alberto Zanotti. Campinas. 17 fev. 2005.

TEODORO, Mariana. Resposta a questionário encaminhado a Carlos Alberto Zanotti. Campinas. 07 fev. 2005.

ZAMPERLINI, Flávia Cristina. Resposta a questionário encaminhado a Carlos Alberto Zanotti. Campinas. 13 fev. 2005.